2015, O ANO DOS SOLOS

Adela Figueroa Panisse*

O solo é um recurso natural não renovável indispensável na produção de alimentos, a adaptação ao câmbio climático e o amortecimento da pobreza. Nós necessitamos dele para produzir alimentos, forragem, roupas, abrigo e energia. Os nossos solos estão em perigo. Dois hectares do solo são destruídos pelo crescimento urbano a cada minuto em todo o mundo. Desmatamento, más práticas agrícolas, poluição e o uso excessivo da pastagem deixam o solo desprotegido, contaminado e degradado. Os nossos solos estão desaparecendo rápido. E são necessários milênios para formar poucos centímetros de solo. Necessitamos dos nossos solos e necessitamos deles saudáveis. Devemos protegê-los agora. O solo é necessário para um planeta saudável e para o bem-estar humano (Declaração das Nações Unidas).

Este ano de 2015 é dedicado pelas Nações Unidas ao cuidado, respeito e preservação dos solos do Planeta. O solo é a camada cultivável da Terra. É o lugar do que todo alimento nasce. O solo é o berço, é o sustento e é o leito da vida.

Leva muito tempo fazer um solo fértil. É trabalho para ervas, água, terra e raízes. Os solos maduros são aqueles que têm muitos nutrientes e facilidade para disponibilizá-los, de maneira que as plantas posam tirar deles o seu alimento com facilidade. Mas o labor de fazer estes solos maduros é um labor de muitos anos. E de diversos fatores que devem concitar-se para lográ-lo.

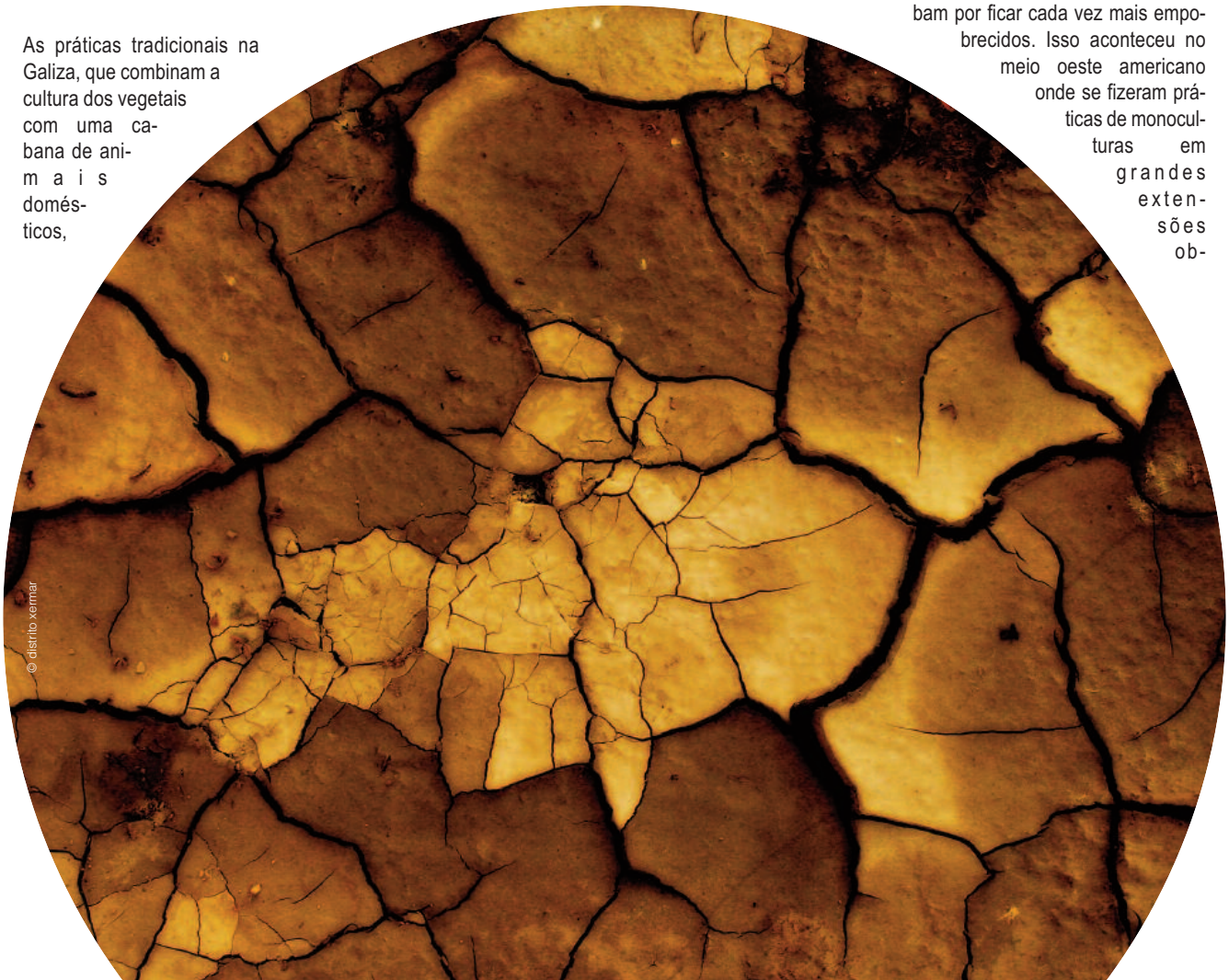
Na Galiza, e em geral nos climas temperados e úmidos, os solos maduros são formados sob florestas de árvores de folha caduca como carvalhos, castanheiros, etc. Isto é, o que na nomenclatura clássica são chamados "terras pardas". Mas há muitos tipos de solos que dependem da rocha mãe, do relevo, da disponibilidade de água, e dos cultivos que se coloquem sobre eles. Há certas práticas agrícolas que favorecem a formação de solos e há outras que provocam o seu empobrecimento.

VELHAS E NOVAS PRÁTICAS

As práticas tradicionais na Galiza, que combinam a cultura dos vegetais com uma cabana de animais domésticos, mantém a fertilidade dos solos porque garante o aporte de nutrientes de origem animal (esterco, balumada, argueiros, etc.) que compensa os que foram retirados pelas plantas em virtude do seu crescimento. Também mantêm a estrutura do solo. Ainda práticas como a rotação de culturas e a combinação de certos vegetais favorecem o mantimento da fertilidade dos solos (por exemplo milho com feijões, cultura muito comum na Galiza das Rias Baixas). Estas práticas agrícolas são típicas do minifúndio galego: pequena produção e diversificação de produtos.

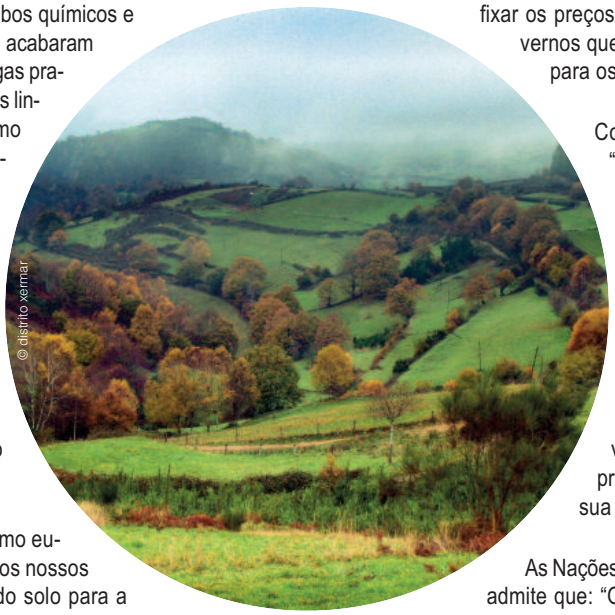
No recente livro "O Pequeno é Grande"[1] de Emilio Carral e Xoán Carlos Carreira faze-se um justo louvor desta prática de origem milenária que, ao parecer existe na Galiza desde o Reino Suévico, em que o minifúndio particular de cada casa era complementado com o aproveitamento do Monte Vizinhal ou Baldios. Estes fornecem material para estrar as cortes, madeira e alimento para a fazenda miúda (ovelhas, cabras, abelhas, etc.). Os solos, desde sempre, foram realimentados com os estercos procedentes da cama do gado, devolvendo-lhes os nutrientes que uma agricultura intensiva extraía-lhes para colheitas de subsistência.

As novas práticas da agricultura extensiva que precisam de grandes fincas, com aportes de nutrientes de origem foráneo e de fábrica esgotam os terrenos e os solos acabam por ficar cada vez mais empobrecidos. Isso aconteceu no meio oeste americano onde se fizeram práticas de monoculturas em grandes extensões ob-



© distrito xermar

tidas a base de muitos aportes de adubos químicos e praguicidas que esgotaram os solos e acabaram por produzir desertos no lugar das antigas pradarias naturais. Ou está a acontecer nos lindes da Floresta Amazônica como conseqüência do desmatamento maciço. Queimam-se as árvores para fazerem pradarias de pouca duração. Isto provoca mudança do clima para mais seco e ventos sem limites que acabam por levantar a pequena camada fértil do solo.



O manejo dos solos é importantíssimo na sua produtividade e, nomeadamente, no mantimento desta ao longo do tempo.

Plantações maciças com espécies como eucaliptos, que ocupam hoje a maioria dos nossos montes, não favorecem a evolução do solo para a sua maior fertilidade. Interrompem o caminho para a sua maturidade natural. Ainda, provocam a regressão do solo como camada cultivável da superfície terrestre. Acabam por representar a perda do solo, transformado este em pobres podsols[2], por comparação com as espécies caducifólias que deitam suas folhas todos os outonos para se incorporarem-s ao solo facilmente. Devolvem assim parte da matéria que lhe fora retirada por virtude do seu crescimento fazendo-o mai maduro e fartil.

UM BEM COLETIVO

Com esta iniciativa das Nações Unidas, pretende-se salientar a importância dos solos na alimentação humana porque as práticas agrícolas e urbanas podem por em perigo este recurso fundamental na sobrevivência de inúmeras populações no conjunto do Planeta. Neste momento em que as grandes corporações como 3 Minesota, Monsanto, Bayer, Syngenta, Dow Agro, Scientes ou Dupont controlam as patentes de sementes junto com os produtos químicos de adubos e praguicidas, a recuperação da agricultura familiar, minifundista, e diversificada, faz-se importantíssima no mantimento dos solos. Também como fornecedora da alimentação de grandes massas de populações, sempre no quadro da soberania alimentar independente do poderio destes monopólios.

A estas companhias devemos acrescentar as multinacionais papeleiras que, como ENCE em Galiza, alentam as monoculturas de eucaliptais estendidas já por todo o mundo. Com a cumplicidade de governos corruptos estão a colocar aos solos em situação crítica de empobrecimento, e as pessoas, dependentes destes monopólios. Eles podem fixar os preços da madeira, em conivência com governos que não olham para o bem comum, mas para os seus próprios interesses.

Como indicam E. Corral e X.Carreira: "As operações de cultura determinam, de maneira decisiva o processo de degradação/conservação do solo (...) determinadas estruturas como sebes e vegetação ripícola diminuem os efeitos negativos dos processos erosivos e de escoamento (...) Uma paisagem em mosaico (bocagem), junto com as praticas agrícolas clássicas permite a conservação dos serviços ecossistêmicos providos polo solo além de melhorar a sua rendibilidade".

As Nações Unidas, em concordância com a FAO, admite que: "Os solos saudáveis estão na base da agricultura e da produção de alimentos e da luta contra da fome. Também jogam um importante papel como reserva da biodiversidade. Alem disso fazem parte do ciclo do carbono, polo que seu cuidado é necessário se quisermos minorar e defrontar a mudança climática", que hoje está a se demonstrar mais e mais crítica.

Em ADEGA defendemos o bosque autóctone num programa chamado "Cousa de Raízes", junto com outras associações como FRUGA, Asociación de Montes Vecinhais de Mão Comum, e outras, entre outros motivos porque as fragas caducifólias favorecem a formação de solos maduros e férteis (vide supra).

O efeito mundial deste gênero de declarações como ser o Ano Internacional dos Solos pode ser mais ou menos útil no logro das suas finalidades. O Ano passado 2014 foi dedicado á agricultura familiar. Pouco ou nada melhorou a sua situação na nossa terra, Galiza, em que o abandono do campo e das aldeias como unidades de produção, não parou.

Mas, por em quanto, por o foco no problema, possivelmente vaia ajudar a diminuir algo a degradação dos solos como recurso não renovável e imprescindível na produção de alimentos e na luta contra a fome mundial. Fazemos votos porque assim seja.

Adela Figueroa Panisse, bióloga e membro da Diretiva de ADEGA.*

1. "O pequeno é grande. A agricultura familiar como alternativa: O caso galego"; Carreira, X.C., Carral Vilariño, Emilio; Através Editora / AGAL, 2014.

2. Solos ácidos muito lavados, com poucos nutrientes e de dificil disponibilidade para as plantas. Na Galiza já se tem encontrado podsolização irreversível provocada por massas de eucaliptus.